

FORMAÇÃO DO URBANO NA AMAZÔNIA A PARTIR DE TEFÉ-AMAZONAS

¹BRUCE, Antonio Jucivan Martins

²SOUSA, Isaque dos Santos

RESUMO: Este trabalho versa a formação do urbano na Amazônia a partir de Tefé, cidade localizada no curso médio do rio Solimões, no Estado do Amazonas – Brasil. Ao falar de urbano na Amazônia é importante trazer uma contextualização histórica e geográfica, no caso Tefé, geograficamente concorda-se com Schor e Costa (2007), que ao analisar a rede urbana regional no Amazonas, classificam-na como cidade com média responsabilidade territorial, pois devido sua centralização econômica, comercial e institucional torna-se um nódulo importante internamente na rede urbana. O objetivo deste trabalho é discutir a formação do espaço urbano da cidade de Tefé, buscando bases teóricas e metodológicas nos autores que tratam sobre o contexto urbano e regional desta. A metodologia adotada neste trabalho se debruça sob a perspectiva, histórica, crítica e dialética e corrobora com o entendimento de (OLIVEIRA, 2000; 2018), o qual apontou as contradições e conflitos, as transformações e permanências na produção do espaço urbano e da cidade na Amazônia.

PALAVRAS CHAVE: URBANIZAÇÃO, ESPAÇO URBANO, TEFÉ-AM.

ABSTRACT: This work deals with the formation of the urban in the Amazon from Tefé, a city located in the middle course of the Solimões River, in the State of Amazonas - Brazil. When talking about urban in the Amazon, it is important to bring a historical and geographic context, in the case of Tefé, geographically we agree with Schor and Costa (2007), who, when analyzing the regional urban network in Amazonas, classify it as a city with medium territorial responsibility, because due to its economic, commercial and institutional centralization it becomes an important node internally in the urban network. The objective of this work is to discuss the formation of the urban space of the city of Tefé, seeking theoretical and methodological bases in the authors who deal with its urban and regional context. The methodology adopted in this work focuses on the historical, critical and dialectical perspective and corroborates with the understanding of (OLIVEIRA, 2000; 2018), which pointed out the contradictions and conflicts, the transformations and permanencies in the production of urban space and the city in the Amazon.

KEYWORDS: URBANIZATION, URBAN SPACE, TEFÉ-AM.

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa a formação do urbano na Amazônia a partir de Tefé, cidade localizada no curso médio do rio Solimões, no Estado do Amazonas – Brasil. Estruturada desde o século XVIII por distintos agentes sociais, e que atualmente vivencia os processos de explosão demográfica e extensão das periferias caracterizado pelo fenômeno de urbanização que transformou rapidamente a cidade enquanto elemento concreto do capital, formando aglomerados urbano com moradias desprovidas de equipamentos urbanos adequados. A urbanização acelerada, sob a influência de migrações regionais e diferentes projetos

¹ Mestrando em geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, na linha de pesquisa: Território e Sociedade na Pan- Amazônia - TSP.

² Professor da Universidade do Estado do Amazonas/UEA e Membro do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG-Unir.

desenvolvimentistas, tem sido recorrente na Amazônia. Também é fruto de uma política para os espaços de fronteira, como tem sido caracterizada esta região.

Ao falar de urbano na Amazônia é importante trazer uma contextualização histórica e geográfica, no caso Tefé, geograficamente concorda-se com Schor e Costa (2007), que ao analisar a rede urbana regional no Amazonas, classificam-na como cidade com média responsabilidade territorial, pois devido sua centralização econômica, comercial e institucional torna-se um nódulo importante internamente na rede urbana. Noutras palavras, Tefé exerce influência na rede urbana na qual está inserida, onde as demais cidades adjacentes detêm um grau de dependência social, econômica e institucional.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir a formação do espaço urbano da cidade de Tefé, buscando bases teóricas e metodológicas nos autores que tratam sobre o contexto urbano e regional desta. Neste molde, cabe destacar sua importância no sistema de rede urbana em escala regional (médio Solimões), sendo essa importância que não se restringe aos dados demográficos, mas se relaciona a fatores institucionais que fazem com que as pessoas de outros lugares dependam dos serviços prestados e oferecidos por esta cidade, tornando-se o que define Spósito, “é o lugar de concentração da vida social, econômica, política e cultural” (2008, p. 13). Assim, a dinâmica urbana desta cidade apresenta-se de forma diferenciada de outras cidades, uma vez que seu processo de urbanização se deu de forma rápida e descontrolada permitindo o aparecimento de bairros carentes e com graves problemas sociais que constata as contradições e conflitos sentidos na essência espacial do urbano tefeense.

Discutir o urbano na Amazônia, a partir de Tefé, é mister resgatar o entendimento das várias frentes de expansão do processo de urbanização da região, a qual se configurou de forma tardia, segundo Oliveira (2018) com base nos dados do IBGE, afirma que até 1991 poucas cidades Amazônicas atingiam cerca de 50 mil habitantes, exceto Manaus e Belém, as quais são consideradas metrópoles da região norte do Brasil. O urbano na Amazônia emerge das pequenas vilas, posteriormente elevadas a categoria de cidade, assim denominadas por serem sede da unidade político-administrativa. O seu crescimento é estimulado pela chegada efervescente de pessoas oriundas de comunidades ribeirinhas, aldeias indígenas próximas ou distantes; além disso, a implementação da infraestrutura, dos equipamentos e serviços públicos, na verdade algum aparato público institucional, estruturam e permitem a dinâmica urbana.

A metodologia adotada neste trabalho se debruça sob a perspectiva, histórica, crítica e dialética e corrobora com o entendimento de (OLIVEIRA, 2000; 2018), o qual apontou as contradições e conflitos, as transformações e permanências na produção do espaço urbano e da cidade na Amazônia. Tal interpretação evidencia que as formas e funções aqui existentes não

são fruto do acaso ou meramente das características fisiográficas regionais, mas resultante dos embates e conflitos desenvolvidos.

A cidade e o espaço urbano são conceitos categóricos e basilares nesta análise, uma vez que nos permitem entender sobre as diferentes dimensões para uma leitura do real e realidade tefeense. Assim, consideramos a diferenciação entre os conceitos “cidade e urbano” a partir de Lefebvre (2001, p. 49), o qual destaca que “a cidade como destituída de pessoas imediata, dado prático-sensível, arquitetônico. Já o urbano é a realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”. Assim, entendemos o conceito de cidade como elemento concreto, visível e produto criado pelas atividades humanas no decorrer do tempo, sendo a sociedade a base fundamental para constituição dessa categoria tão utilizada na geografia e nos estudos de desenvolvimento regional.

Já o conceito urbano nada mais é do que as relações sociais que se imaterializam no seio da cidade, as quais são sentidas através do cotidiano realizado pelos agentes sociais, e no caso regional esses atributos espaciais apresentam características particulares. Segundo Lima (2008) o urbano amazônico guarda especificidades pretéritas, de culturas eminentemente cabocla arraigada num universo ribeirinho, aonde o indivíduo tem a floresta e o rio como algo representativo do ato de viver, resistir e existir.

A corrente filosófica materialista histórica e dialética, nos permite entender que as lutas e contradições transcendem o espaço e tempo e são resultado do processo de desenvolvimento do capitalismo que alcançou os mais longínquos lugares e permeia quase todas as relações. Portanto, compreender a formação do urbano a partir de Tefé passa por resgatar, ainda que brevemente, sua história e apresentar as condições de vida das realidades atuais.

URBANIZAÇÃO DA AMAZÔNIA E A FORMAÇÃO DA CIDADE DE TEFÉ-AM

Antes de falar diretamente da formação da cidade de Tefé, trataremos algumas informações sobre a urbanização da Amazônia, com foco para o Estado do Amazonas. Dessa forma, começamos então uma reflexão sobre o processo de ocupação da Amazônia, ou melhor, sobre o processo de formação de cidades nessa região. Como se pode apreender nas obras de alguns autores, as cidades começaram a surgir e crescer com características particulares, pois carregaram consigo marcas do período colonial, as quais transformaram as características socioespaciais da região, impondo relações sociais e arranjos espaciais diferentes daquilo que existia. Tais mudanças ocorreram a partir de meados do século XVIII ainda na Amazônia colonial, quando foram desenvolvidas políticas de ocupação na Amazônia. Nesta época temos

como elemento preponderante o governo do Marquês de Pombal (1750-77), marcado por um período de intensas transformações no contexto histórico da região, principalmente, por meio da política do Diretório que modificou a conjuntura social, política e cultural da época (OLIVEIRA, 2000). Estabeleceu-se nova estrutura e hierarquia social.

Dessa forma, compreendemos que as políticas pombalinas também permearam no território tefeense, uma vez que a referida cidade tinha status de aldeia, ou missão como alguns estudiosos a consideram, que fora uma aldeia fundada pelos serviços da Coroa espanhola no período de 1686-1688 através das missões expedicionárias dos missionários jesuítas, onde o padre austríaco Samuel Fritz juntamente com outros expedicionários, fundaram várias aldeias ao longo do rio Solimões, quando navegavam o rio, partindo da cidade de Quito (SOUZA, 1989).

Rodrigues (2011) ao destacar a passagem do então ministro português Marquês de Pombal, em 1757, aponta que este ao tomar conhecimento dos confrontos e divisões territoriais, decretou a Lei de 06 de junho de 1757, o qual determinava a expulsão dos espanhóis do referida região. Também elevou várias aldeias à categorias de vilas com referência portuguesa; nomeando administradores em cada forte fundado ao longo da calha do médio Solimões, onde o decreto do então ministro só entrou em vigor em 1959, é a partir daí que a antiga missão da coroa espanhola, elevou-se à categoria de vila, tal como, EGA, comanda nesse momento pelo poderio político e administrativo de Portugal. Porém, como Ega detinha uma imensa extensão territorial de terras, de difícil administração e controle, iniciou-se então o processo de desmembramento, sendo o primeiro datado em 1848 com a criação do município de Coari.

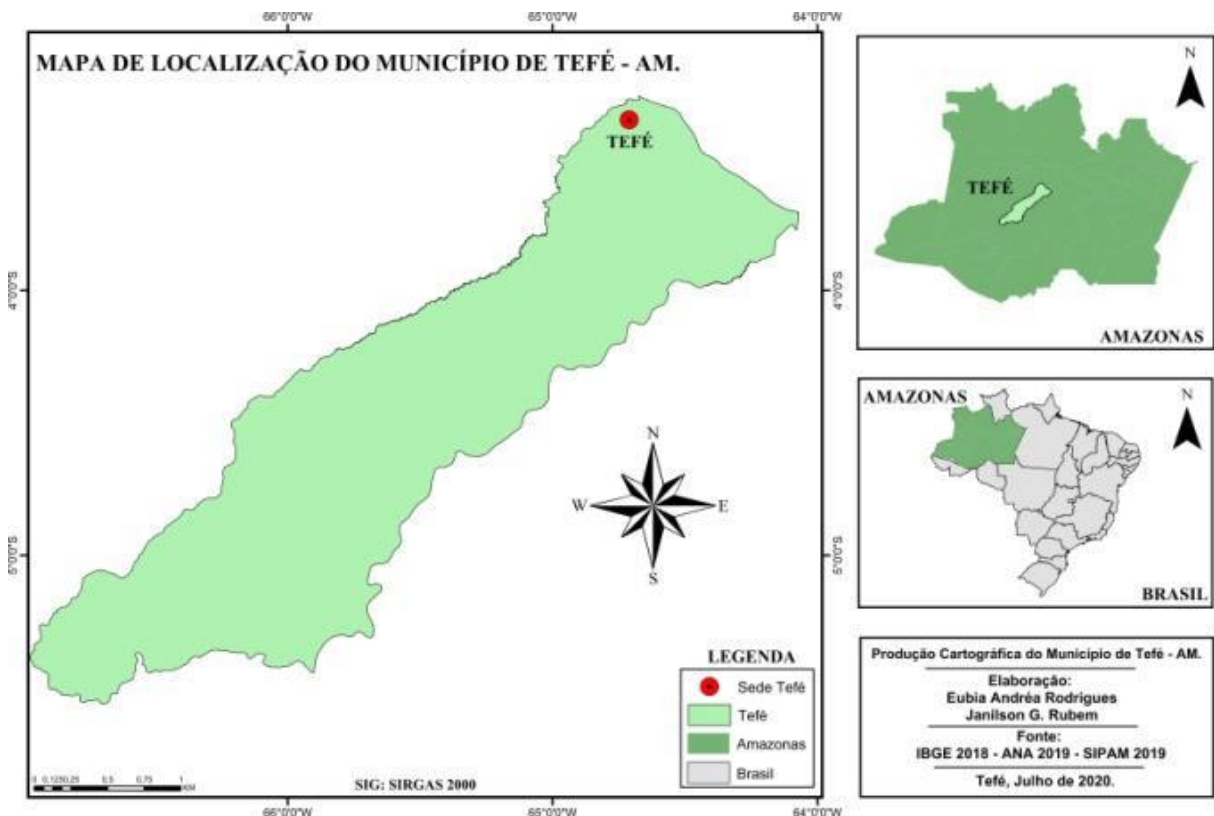
Ainda sobre a formação de Tefé, vale ressaltar que outros desmembramentos ocorreram no início do século XX, com a criação dos municípios de Maraã, Japurá, Juruá, Fonte Boa, Uarini e Alvarães. É a partir deste momento que estudamos o contexto de formação de cidade “no Amazonas” voltando nosso olhar a partir de Tefé destacando o seu desenvolvimento urbano no decorrer do tempo. Para deixar claro, foi em 15 de junho do ano de 1855 que EGA (a pequena vila) foi elevada à categoria de cidade, com o nome firmado de Tefé, oriundo do topônimo, Tupébas (tribos indígenas dos cambebas, também conhecidos de cabeças chatas).

Sobre o topônimo da cidade, Ribeiro (1996) abranda que o nome Tefé é originário do termo Tapi ou Tapé, derivação de uma extinta tribo de índios Tupébas ou Tapibas, onde desta grafia – Tapi ou Tapé surgiu o nome Tefé. Suas dimensões territoriais se estendem entre Coari e Tabatinga, configurando assim, como um dos maiores município do mundo com uma área de 500.000 km² fazendo fronteira com Peru e Colômbia, compreendendo também povoados como: São Francisco Xavier de Tabatinga, São Paulo dos Cambebas, Nossa Senhora de

Guadalupe, Meneruá, Suassutuba, São Francisco dos Omáguas, Tefé dos Axiuaris, Coari e outros (PESSOA, 2007), cada um possuía administração própria e que posteriormente, através dos decretos se desmembraram e se tornaram municípios independente.

Com base em Rodrigues (2011), desde o seu processo de formação Tefé se configurava como um entreposto comercial, o qual a tornava centralidade importante na calha do rio Solimões. Esta importância está ligada a três fatores: primeiro, a sua localização na calha do rio principal, ou seja, na foz represada do rio Tefé, na margem direita do rio Solimões, apresentando um porto próximo da principal artéria fluvial amazônica, segundo, a cidade está situada em uma posição intermediária entre as fronteira do Pará, da Colômbia e da Venezuela, tendo acesso ao controle da circulação aos meios de produção agroextrativista, por último localiza-se próximo a confluência dos rios Japurá e Juruá com o rio Solimões e se distanciando um pouco, do rio Jutai, caracterizando-se desde o passado como um entreposto de abastecimento nas artérias fluviais acima citadas (SOUZA, 1989). Assim, a centralidade dentro do sistema de rede fluvial urbana permitia uma atenção dos lugares para esta, onde os produtos agroextrativistas eram comercializados e escoados de Tefé para outras localidades do Brasil. Veja a seguir a figura do mapa de localização do município de Tefé.

FIGURA 1: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE TEFÉ NO AMAZONAS.



Fonte: IBGE; 2018/ Org. RODRIGUES e RUBEM, 2020.

As primeiras construções urbanas desta cidade apresentavam uma morfologia paisagística típica de aldeias indígenas com casebres cobertos de palha e com trapiches de frente para o lago, cujo o nome referencia o próprio nome da cidade. Dessa forma, torna-se importante refletirmos nos escritos que versam as abordagens sobre as formas e estruturas urbanas das primeiras cidades na Amazônia. Agassiz *apud* Lima (2008) destaca, em suas observações sobre as ocupações presentes ao longo do rio Amazonas, que as mesmas se constituíam na produção de um espaço ainda indígena (origem de seu espaço) com cabanas cobertas por palhas, evidenciando que na época não passavam de pequenos aglomerados humanos. Assim, entende-se que a composição do espaço ocupado da época retratava uma característica morfológica com paisagens que expressavam o modo de viver dos povos nativos (indígena) que tinha o rio e a floresta como meio de vivência, sobrevivência e existência. É importante lembrar de que as observações realizadas pelo “casal Agassiz” antecedem o período áureo da borracha, sendo este outro fator fundamental no processo de formação e desenvolvimento das cidades, e acabou desencadeando as primeiras formas de urbanização em escala regional.

Costa (2013) destaca que entender o processo de ocupação e urbanização da Amazônia é fundamental para compreender a particularidade que cada cidade representa dentro do contexto nacional e regional. As cidades na Amazônia guardam características de exploração e povoamento, que tem origem no período colonial. Assim, entendemos que as origens e gênese das cidades na Amazônia, não foge do contexto colonial e do processo de exploração agroextrativistas dos recursos naturais que fizeram parte da formação territorial e econômica da Amazônia.

A geógrafa Norma Sousa (2016) em sua tese de doutoramento “Urbanização do Amazonas, entre o passado e presente: a manutenção da primazia urbana de Manaus”, nos permite entender que a urbanização do estado do Amazonas foi desencadeada no âmago do ciclo da borracha 1870 e 1920 e sendo também herança deste processo. Aquilo que a autora conceitua de “urbanização sem industrialização”, nada mais é do que, a organização das estruturas arquitetônicas de Manaus vigorada na efervescência do ciclo da borracha, que no momento se consolidava como modalidade regional da economia primário-exportadora durante a segunda parte do século XIX e início do século XIX, determinando a urbanização amazônica e do estado do Amazonas. Esse ciclo econômico foi responsável por desencadear mudanças importantes na região, possibilitando um elevado fluxo migratório e conseqüentemente novas formas de ocupações no que diz respeito ao aparecimento de cidades, que na época serviriam como forte para concentrar a produção e comercialização agroextrativista. Tefé

Foi a partir desse contexto que muitas cidades amazonenses se constituíram e se estruturaram no decorrer do tempo e, nas últimas décadas, tem recebido intervenção direta do Estado o qual foi responsável por produzir um espaço voltado para produção, circulação e consumo, onde as relações sociais são submetidas às normas estabelecidas pelo capital, conforme destaca Oliveira (2018):

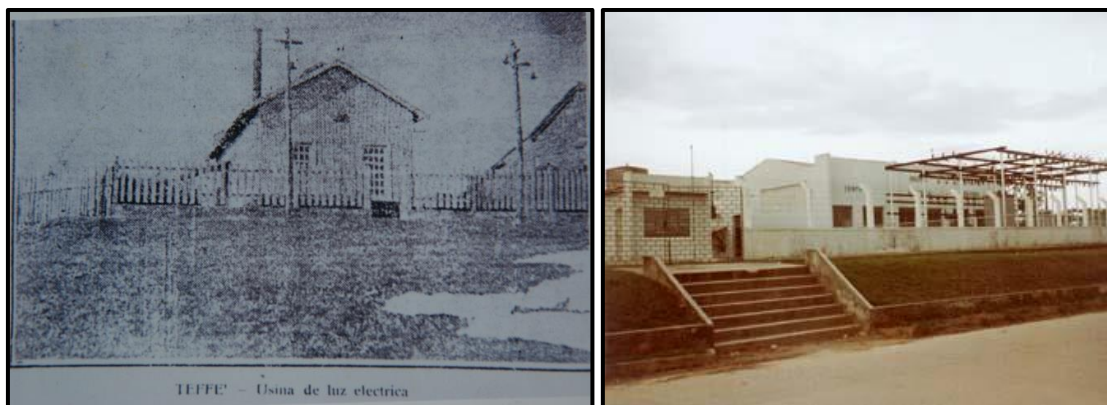
As cidades amazonenses, são lugares privilegiados de reprodução das relações sociais e se constituem bases para a realização ampliada da intervenção direta do Estado na produção do espaço e na ligação de pontos que possibilitam a expansão de novas formas de relações de produção na região (OLIVEIRA; 2018, p. 05).

Nesse molde refletimos sobre os grandes projetos de desenvolvimento desencadeado na região na década de 1960 que tem possibilitado a integração do capital com o intuito de evoluir o cenário regional até então conhecido como “vazio demográfico”. No caso de Tefé, o processo de urbanização teve seu marco expressivo a partir da década de 1940, momento em que houve os primeiros fluxos migratórios para a cidade, que em pouco mais de 70 anos passou do perfil de maior população rural para urbana num ritmo efervescente e crescimento desordenado. Durante esse período, enquanto migrantes do nordeste brasileiro migravam para o médio Solimões e se direcionavam para os seringais, os estrangeiros começaram a chegar em Tefé para instalar comércios e comercializarem produtos originários das áreas rurais e os produtos que chegavam nas embarcações vindas de Manaus.

Com a presença do estado que atuava fortemente a partir da década de 1940, a estrutura urbana da cidade começava a ganhar forma através de instalações de novos serviços comerciais e institucionais que de certa forma tem agregado novos valores no espaço urbano, e isso tem possibilitado a saída do homem originário de comunidades ribeirinhas para a cidade, a qual se estruturou através dos agentes sociais que transformaram a essência espacial da cidade.

A instalação da usina elétrica no ano de 1930 foi um fator diferencial, pois proporcionou a realização de atividades com uso máquinas e equipamentos elétricos, onde isso tem alterado de forma positiva o modo de vida das pessoas naquela época. É notável nos trabalhos de geografia urbana do Brasil que o desenvolvimento das atividades socioeconômicas das cidades brasileiras se acelerou com chegada dos serviços fundamentais como luz elétrica, água encanada, pavimentação de vias públicas e todo um conjunto de saneamento básico que foram responsáveis por favorecer qualidade de vida para as pessoas. As figuras mostram a usina elétrica de Tefé.

FIGURAS 02 E 03: USINA ELÉTRICA EM DOIS MOMENTOS, 1940 E 1995.



Fonte: Acervo de fotos do seminário de São José.

Com o uso da energia elétrica, tributos foram sendo cobrados dos moradores que residiam na zona urbana da cidade. Porém, antes da instalação da usina, os produtos utilizados para a iluminação pública e das moradias eram oriundos do extrativismo animal, a exemplo do óleo retirado da gordura da tartaruga, do peixe boi, pirarucu e tambaqui. Vale ressaltar que essas habilidades foram desenvolvidas para superar as necessidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano, principalmente nas atividades realizadas durante a noite, onde o óleo extraído era utilizado para abastecer as lamparinas dos moradores.

O serviço de água dentro contexto urbano da época foi efetivado no final da década de 1950 na administração do governador Plínio Ramos Coelho. Antes da instalação do sistema de rede hidráulica (o caso do abastecimento de água), a população coletava água das cacimbas e pequenos igarapés que cortavam a cidade, além de também haver os chamados “carreiros” que colhiam água diretamente do lago próximo da cidade para abastecer as residências. As estruturas urbanas e instituições se constituíram na base econômica e comercial da época, e também a efetivação participativa do estado que atuou de maneira decisiva até então, principalmente na elaboração de propostas institucionais e de serviços que foram capazes de proporcionar para a cidade experiências da modernidade, que talvez poderia ser a inserção de globalização incompleta ou relativizada (QUEIROZ, 2015), sendo capaz de proporcionar influências econômicas-institucionais nos subespaços com poucos alcance técnico, assim, Tefé se confirmaria como uma centralidade periférica, localizada longe dos grandes centros urbanos, onde com incentivo do estado agregou novos valores institucionais, o que mais tarde responderia as necessidades sociais e econômicas dos lugares adjacentes.

A urbanização de Tefé ganha reforço a partir da década de 1960 quando os bancos, as empresas terceirizadas, e os serviços de comunicação foram instalados no seio do urbano da

cidade provocando elevadas transformações que desencadeou o próprio crescimento populacional da cidade. Com o incentivo do Ministério da Agricultura, houve no início da década de 1980 a construção de uma subestação experimental, loteando uma área situada na Estrada do Aeroporto, sendo este com suas obras iniciadas em momentos antecedentes (1957- caso da construção do aeroporto, onde a base da Infraero se estabeleceu apenas em 1973, sendo a mesma responsável por comandar o sistema aeroportuário), onde foram construídos institutos laboratoriais que coordenaram plantações de seringueiras ao longo da estrada do aeroporto, sendo assim, as bases institucionais eram coordenação pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) (RODRIGUES, 2011). Outro fato importante que se introduziu no interior deste projeto de colonização incentivado pelo Ministério da Agricultura, foi o Projeto Dendê onde em 1984 foi instalada a Empresa Amazonense de Dendê (EMADE) o qual visou produzir o óleo de Dendê no local projetado. Esses projetos permitiram que vários indivíduos fossem trabalhar nos “ramais” no processo de extração do látex das **seringueiras** (*Hevea brasiliensis*) e do óleo da árvore de **dendê** (*Elaeis guineensis*).

As áreas que antes foram destinadas para essas experiências, atualmente pertencem a Vila Militar da Marinha, e a 16º Brigada de infantaria Selva e 17º Batalhão de infantaria Selva transferido do Sul do Brasil em 1992 e se instalando apenas em 1993 na referida cidade (ao longo da estrada do aeroporto).

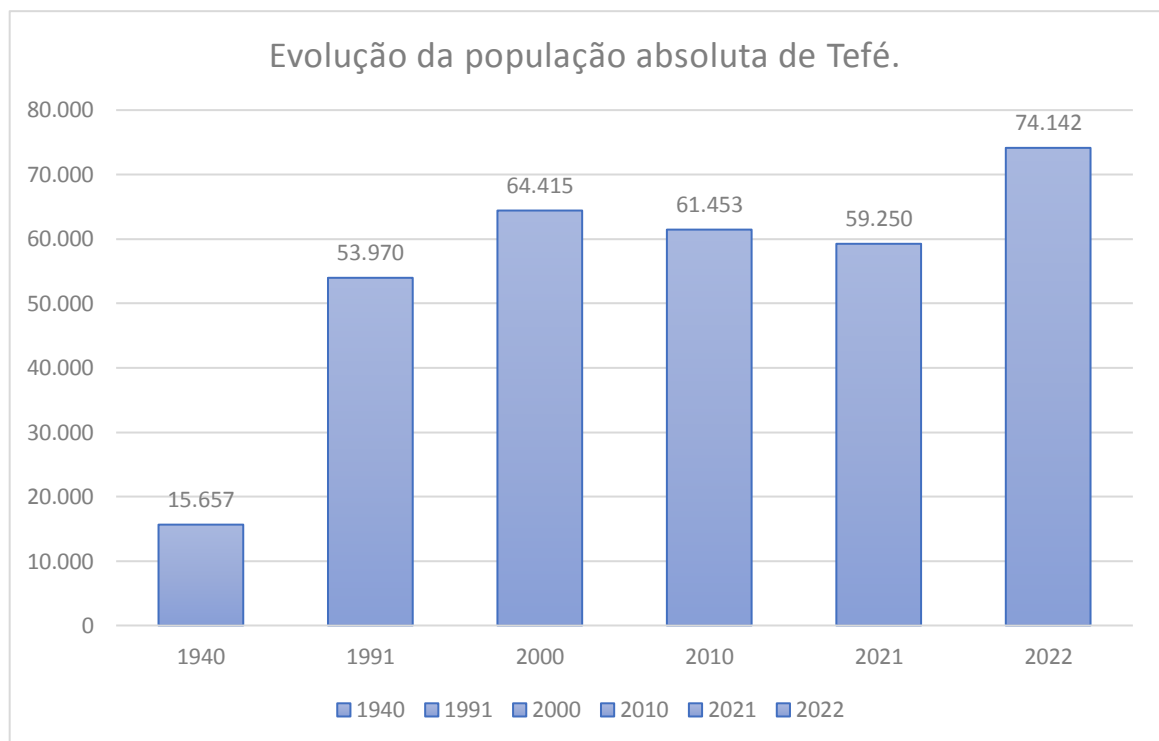
Assim como outros exemplos fracassados de projetos de colonização desencadeado na Amazônia brasileira em décadas passadas, o projeto Emade em Tefé foi mais um exemplo dos muitos projetos desencadeados na Amazônia que também não obtiveram sucesso, onde diversos trabalhadores foram marginalizados pelas empresas que foram embora, tendo assim que produzir novas formas de sobrevivência ao longo da estrada ou até mesmo terem que migrar para as áreas periféricas da cidade ocupando áreas inapropriadas junto as pessoas que vinham de comunidades ribeirinhas e aldeias indígenas.

Com base em algumas fontes literárias sobre a referida cidade, o crescimento demográfico de Tefé estar associado à chegada e instalação de instituições sociais e do Estado no contexto urbano da cidade, onde isso tem favorecido na espacialização do movimento migratório e sobretudo no aparecimento de novos bairros, uma vez que as pessoas ocuparam diversas partes da cidade e a transformaram-na rapidamente.

Analizamos que houve um aumento gradativo da população urbana tefeense, a partir da década de 1970 em diante quando as instituições começaram a chegar na cidade para se estabelecer, oferecendo serviços e uma possível inserção em uma globalização relativizada refletida através das mudanças no modo de vida da população. Um marco importante no

processo foi a chegada dos alunos e pesquisadores da Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF) que através do Projeto Rondon atuaram na educação de base, oferecendo assistência educacional. Esse fato refletiu mudanças fundamentais para a população, e estimulou certo desenvolvimento humano e científico da sociedade que presenciou a implementação dos primeiros cursos de graduação para formação de professores.

No gráfico 01 que ilustra população urbana e rural de Tefé a partir dos dados demográficos apresentados pelo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (dados estatísticos referentes aos anos de 1940, 1991, 2000, 2010, 2021 e 2022).



Fonte: Disponível em: www.ibge.gov.br/ Elaboração própria.

De acordo com os dados estatísticos acima, a população absoluta de Tefé em 1991 já havia ultrapassado 50.000 mil habitantes, onde esse quantitativo segundo Spósito (2001) já a configurava como cidade média, definição atribuída pelos critérios demográficos do IBGE-1970. Percebe-se que a população de 2021 se apresenta inferior em relação aos anos anteriores, isso porque houve uma redução do movimento migratório de pessoas que se direcionavam para morar na área urbana da cidade. Os auxílios governamentais, bem como as rendas disponibilizadas pelos programas de governo, fizeram com que as pessoas pudessem

permanecer no lugar de origem (comunidades ribeirinhas, aldeias indígenas e cidades vizinhas), havendo a necessidade de se deslocar Tefé apenas quando for necessário.

Outro fator responsável por reduzir o aumento da população, foi a conscientização social obtida pelos jovens por meio do acesso a informação e os usos de meios contraceptivos orientados pelos profissionais da saúde através de palestras nas escolas e também pelos serviços destes prestados em postos e clínicas de saúde, que desde o início dos anos 2000 tem orientado fortemente os jovens na prevenção de gravidez na adolescência e DST's (Doenças Sexualmente Transmissíveis).

A presença da Universidade pública, a partir do início do século XXI, fortaleceu a expectativa dos moradores de Tefé e cidades adjacentes de seguir nos estudos, permitindo a possibilidades destes em obter formação profissional em nível superior, onde isso tem provocado a sociedade em geral a projeção de uma perspectiva de vida vinculada aos estudos e a qualificação profissional, que posteriormente lhes permitiram melhores condições de trabalho e remunerações salariais.

Os valores e serviços disponíveis em Tefé transformaram-na em uma centralidade e acabam colocando os municípios adjacentes num grau de dependência institucional, comercial e educacional. Em função de sua importância geopolítica marcada desde o período da Amazônia Colonial, houve a necessidade de o Estado investir na estrutura e organização urbana desta cidade, o que agregou a presença de órgãos e instituições importantes que responderam as necessidades dos lugares vizinhos e até mesmo dos lugares próximos a capital (Manaus).

Nas décadas de 1990 em diante se estabeleceram no contexto urbano da cidade o Comando de Brigada do Exército Brasileiro, a Agência Fluvial da Marinha do Brasil, o Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tefé da Aeronáutica, uma Delegacia da Polícia Federal, uma unidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Fórum da Justiça, Receita Federal, Delegacia da Justiça do Trabalho, Campus da Universidade do Estado do Amazonas (UEA/CEST), Instituto Mamirauá, Terceiro Batalhão da Polícia Militar, Aeroporto, além de se ter a presença dos bancos Bradesco, Caixa, Banco da Amazônia e Banco do Brasil.

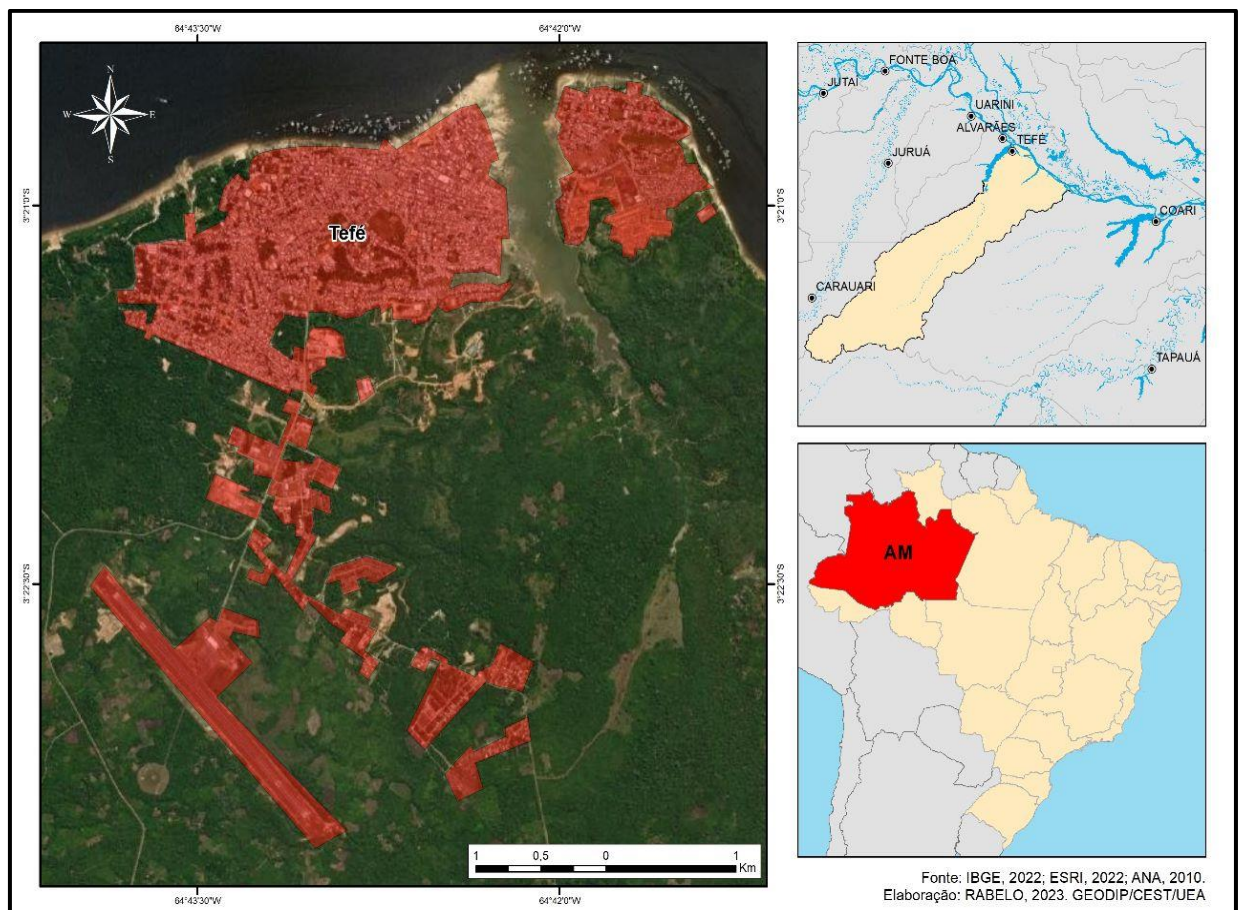
Esses meios e serviços tem provocado o crescente processo de urbanização da cidade e, atualmente ainda é visível a chegada de várias pessoas de outros lugares que veem esta cidade como um lugar de oportunidades e garantia de melhores condições de vida.

CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE TEFÉ

Como forma de detalhamento, a cidade de Tefé localiza-se ao lado do lago que recebe o mesmo nome desta (lago de Tefé), que por sua vez é afluente da margem direita do rio Solimões, na região denominada Médio Solimões no interior do estado do Amazonas.

Segundo o IBGE (2010), o município de Tefé tinha uma população estimada em 61.453 habitantes. Sendo distribuídos 50.069 habitantes na zona urbana e 11.384 na zona rural. Com base nos dados do IBGE (2022) a estimativa da população absoluta é de 74.142 mil habitantes, havendo um aumento de 12.689 habitantes num período de 12 anos. Sua área territorial abrange cerca de 23.704 km², possui uma distância de 523 km da capital Amazonense (Manaus).

FIGURA 04: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DENTRO DO SISTEMA DE REDE HIDROGRÁFICA.



Elaborado por RABELO, 2023.

Percebe-se no mapa exposto a cima a franca relação de Tefé com os municípios adjacentes. Sua posição estratégica confirma sua centralidade e importância na região do médio

Solimões, onde os fatores institucionais e os serviços oferecidos alcançam os lugares com estruturas sociais peculiares, principalmente quando se trata dos serviços institucionais como serviços bancários, escolaridades, saúde, e principalmente os serviços centralizados na área de sustentabilidade e conservação ambiental.

A REGIC³ (Regiões de Influência das cidades) com base no IBGE (2018) identifica Tefé como Centro de Zona B, elencando também Eirunepé. Vale destacar, que todas as cidades atreladas no “Centro de Zona” fazem parte da classificação do quarto nível da hierarquia urbana das cidades brasileiras, e esse nível corresponde as atividades de gestão territorial inferior aquelas pertencentes aos níveis de hierarquia superior, porém as atividades exercidas pelas zonas de centro indicam a gestão suprema territorial sob as localidades adjacentes que procuram por comércios e serviços baseados nas relações de proximidade.

Tefé de acordo a teoria definida por Christaller (A Teoria das Localidades Centrais, 1966), o que nos faz refletir sobre a situação dos serviços prestados por esta cidade dentro da rede urbana a qual está inserida. Sua função central está ligada os arranjos espaciais introduzidos ao longo do tempo, os quais permitem uma conexão dispersa com outros centros urbanos que dependam dos bens e serviços oferecidos pelo centro principal é responsável por exercer gestão territorial na região do médio Solimões. Exemplo disso, são os bens de consumo ofertados pelo tal centro o que possibilita os deslocamentos pendulares com tempos de viagem mais curta dos pequenos centros urbanos adjacentes. Assim, as pessoas não precisam se deslocarem até Manaus para suprir suas necessidades, uma vez que os produtos de consumos “corriqueiros” da vida cotidiana são encontrados com disponibilidade acessível ao consumidor oriundo de localidades com hierarquia inferior.

Schor (2020) destaca que devido a situação geográfica favorável, a capacidade de retenção da população migrante e estrutura para ofertar bens e serviços são características que configuram uma nova definição de tipologias de cidade média. Esse fator é percebível quando uma cidade localizada longe das grandes metrópoles, apresenta uma efervescência social, política e econômica própria, caso particular de Tefé-AM.

As variáveis institucionais que se instalaram nos últimos anos nesta cidade, tem agregados valores e serviços que servem como ponto atrativo para as pessoas de cidades

³ Centro de Zona B - este subnível soma 251 Cidades, todas classificadas nos níveis 4 e 5 de gestão territorial. São de menor porte populacional que os Centros de Zona A (média inferior a 25 mil habitantes), igualmente mais populosas na Região Norte (35 mil, em média) e menos populosas na Região Sul (onde perfazem 15 mil habitantes). No Amazonas as cidades que fazem parte dessa classificação hierárquica são: Tefé e Eirunepé (Proposta elaborada pela REGIC com base no IBGE, 2018).

vizinhas, comunidades ribeirinhas e aldeias indígenas. Assim, as pessoas não precisam se deslocar até Manaus para utilizar de serviços bancários, educação, saúde, comunicação, uma vez que a cidade de Tefé tem assumido um papel de centralidade no sistema de rede na calha do médio Solimões, oferecendo oportunidades e qualidade de vida. Esta compreensão é confirmada pela ReCiMe (Rede de Pesquisa sobre Cidades Médias) que por meio de novos estudos teóricos-conceituais busca identificar o papel funcional das cidades no contexto de rede urbana.

Durante a 1970 intensificou-se uma transformação no espaço urbano tefeense, uma vez que começaram a migrar pessoas de comunidades ribeirinhas e municípios vizinhos os quais ocuparam lugares inapropriados como áreas acidentadas (morros e encostas) e propriedades privadas, que deram origem na formação de novos bairros sem nenhuma infraestrutura adequada. Ou seja, o planejamento urbano da época não acompanhou o crescimento populacional e a expansão de área periféricas que acabou proporcionando na produção de um espaço desigual e desarticulado.

FIGURA 05: IMAGEM DO ESPAÇO URBANO CIDADE DE TEFÉ.



Fonte: Google Earth/ Organizado pelo autor.

Atualmente a cidade de Tefé contém 21 bairros, sendo eles: Santa Rosa, Santa Luzia, Juruá, São Francisco, São José, Vila Buriti, Monte Castelo, Jerusalém, Olaria, São Raimundo, São João, Nova Esperança, Santo Antônio, Mutirão, Santa Tereza, Nossa Senhora de Fátima, Vila Nova, Fonte Boa, Abial, Centro, e o bairro mais recente Colônia Ventura. Sendo este último, sofreu com uma expansão de forma descontrolada a partir a implementação do Programa Minha Casa Minha Vida que privilegiou a construção do conjunto Residencial Castanheira, o qual foi efetivada pelo governo federal em 2013 que no ano seguinte (2014) fez com que a antiga Vila Colônia Ventura fosse levada a categoria de bairro através do decreto 014/14 referenciado por vias pública.

Atualmente Tefé exerce funcionalidade atraente tanto em estrutura, quanto na sua dinâmica urbana, apresentando uma potência econômica, comercial e institucional através de uma rede urbana que interliga os municípios de Maraã, Japurá, Fonte Boa, Alvarães, Jutai, Juruá, Codajás e Uarini. É responsável por abranger o instituto MAMIRAUÁ e as universidades pública e privada (UEA, UNIASSELVE, UNIP, FAMETRO e FAEL), fora os diversos centros de cursos de capacitação técnica que promovem a mobilização das pessoas de diversos lugares, principalmente no que diz respeito a saída do homem do campo para a cidade (êxodo rural-urbano).

Silva e Amaral (2009) destacam a importância de se analisar as características das cidades pelas suas formas urbana, pelas funcionalidades que apresentam, pelo grau de polarização e de concentração de suas atividades econômicas.

Atividades essas que se relacionam diretamente com o rio através do porto, dos setores de embarcações em que se realizam os fluxos de mercadorias e pessoas, além de legitimar a realização do cotidiano da vida urbana com as águas enfatizada pela realidade do pescador, agricultor, catraieiro e entre outros que têm a cidade enquanto elemento de uso, caso marcante na essência urbana de Tefé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre o urbano na Amazônia a partir de Tefé, nos remeteu a uma intensa reflexão acerca do processo de ocupação humana da região, ocupação esta que foi marcada por contradições que se transcenderam nas formações socioespaciais percebidas e estudadas nos dias atuais.

Para que pudéssemos chegar numa discussão do espaço urbano de Tefé-AM, se fez necessária fazer um estudo sobre as primeiras vilas fundadas ao longo dos rios da Amazônia, a

qual Tefé se destaca por ser uma das primeiras vilas que posteriormente se elevou à categoria de cidade, carregando consigo momentos da geografia histórica da Amazônia colonial, da região de fronteira e dos grandes projetos. Não podemos desenvolver um trabalho sobre a temática em questão sem mergulhar nas bases teóricas, conceituais e metodológicas dos estudos que versam sobre como as cidades da Amazônia foram formadas e os fatores que motivaram o crescimento e a urbanização, a qual nos dão respaldo para entender e responder nossas inquietações.

Assim, entendemos que a urbanização da referida cidade teve como elemento indutor o “Estado”, o qual tem atuado de forma decisiva no planejamento urbano da cidade, o qual mais tarde não acompanhou o crescimento desordenado e desarticulado do contingente populacional que migrou de lugares adjacentes da região do médio Solimões em busca de melhores qualidades de vida através dos serviços e oportunidades de trabalho. Vale ressaltar, quando as empresas chegaram para construir as instituições, vários indivíduos saíram de seus lugares de origem e se direcionaram até a cidade para trabalhar nas firmas e aproveitar as novas oportunidades que esta oferecia em diferentes momentos de sua história.

As pessoas que migraram de outras regiões do Brasil também contribuíram no processo de urbanização e sobretudo na inserção de novos hábitos trazidos consigo de fora, onde isso tem afetado (in) diretamente o modo de vida das pessoas que já habitavam a cidade. A integração de uma globalização incompleta proporcionou uma visão mais abrangida sobre os diferentes “Brasis” que ajudaram a construir um espaço urbano, que atualmente é considerado atrativo frente aos lugares vizinhos com poucas estruturas socioeconômica.

Portanto, a contextualização histórica e geográfica posta até aqui nos faz refletir que Tefé mesmo estando longe dos grandes polos de desenvolvimento, sempre se destacou como centro de importância territorial na região a qual está inserida, onde isso não se restringe apenas durante o século XX quando houveram incentivo do Estado, mas desde sua origem enquanto aldeia fundada pelas expedições missionárias que viram o lugar como ponto estratégico e como um futuro centro de gestão territorial que comandara os lugares no entorno. Foi dentro desta perspectiva que se teceu uma geografia marcada pela construção e consolidação de um espaço de poder, poder este que influenciou na transformação da configuração urbana da referida cidade, na qual sempre ofereceu oportunidades de serviços institucionais e comerciais que correspondem as necessidades dos lugares que estão localizadas dentro do sistema de rede urbana na calha do médio Solimões.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Najara Mayla do Socorro Veiga. **A cidade urbana na Amazônia: reflexões sobre a construção do plano local de habitação de interesse social**. Cidade Universitária da Universidade Federal do Maranhão- UFMA: Brasil, 2013.
- IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.
- LEFEBRE, Henri. **O direito à Cidade**. Tradução. Rubéns E. Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, Marcos Castro de. **A cidade, o urbano e o rio na Amazônia**. Universidade Federal do Amazonas. DOI: 10.5654/actageo2008.0103.0008
- OLIVEIRA, A. J. **Urbanização da Amazônia: novas e velhas formas de exclusão**. Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas- Manaus: Brasil, 2018.
- OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000.
- PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. 1ª Ed. Manaus. Editora Novo Tempo. LTDA, 2007.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Centralidade periférica e integração: uma leitura de Tefé- Amazonas**. 2015. 325 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- PORTO Kátia de Souza. **Impactos socioambientais do processo de ocupação da orla do município de Tefé/Amazonas- o bairro Juruá**. São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia), 2011.
- RODRIGUES, Eubia Andréa **Rede urbana do Amazonas: Tefé como cidade média de responsabilidade territorial na calha do médio Solimões**. Manaus: UFAM. Dissertação (Mestrado em Geografia), 2011.
- SCHOR Tatiana. **Leituras geográficas do urbano em Tefé: perspectiva do presente e desafios do futuro**. Geografia urbana e ensino de geografia: olhares, reflexões e ações/ Eubia Andréa (organizadora)- Curitiba: CRV, 2020.
- SOUSA, Norma Maria Bentes de. **Urbanização do Amazonas entre o passado e presente: a manutenção da primazia urbana de Manaus** / Norma Maria Bentes de Sousa. – Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – UFRJ-IPPUR, Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2016.
- REGIC. **Regiões de influência das cidades: 2018** / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020.
- SOUZA, Augusto Cambroliê Gonçalves de. **Síntese da História de Tefé**. Tefé, 1989.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.